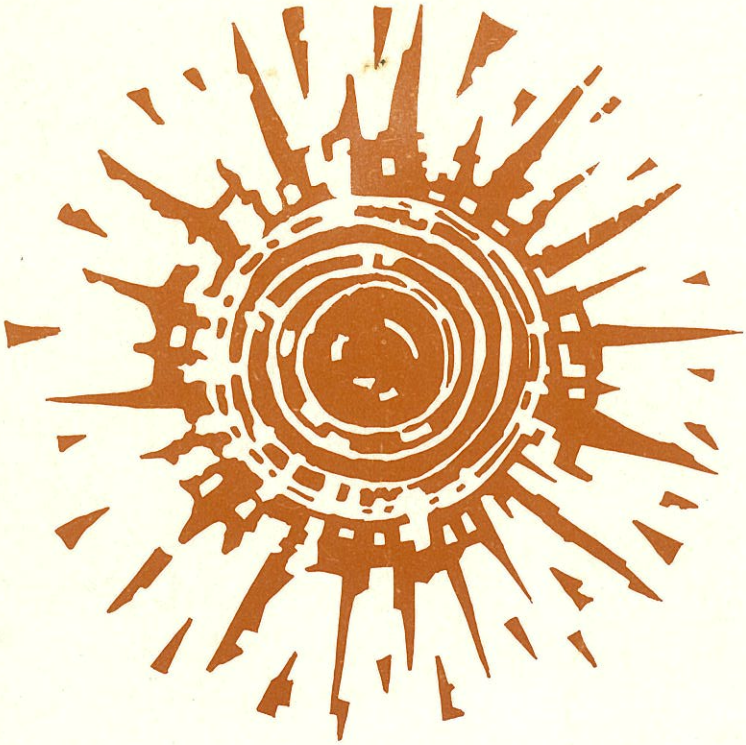


NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DO SEMINÁRIO DOS OLIVAIS

Nº1 DEZEMBRO 1981

NOVELLAE OLIVARUM

Revista do Seminário dos Olivais

Director
Pe. Carlos Paes

Redacção
Pe. Manuel Clemente
João Rosa Ferreira
Manuel José Machado
Manuel Felício de Almeida

Propriedade e Administração
Seminário dos Olivais
1800 LISBOA

Publicação Periódica

Composto e impresso
nos Serviços da Cáritas Portuguesa

NOVA SÉRIE
Número 1 — Dezembro de 1981

Assinatura anual: 120$00

SUMÁRIO

— Memória e Proposta 1

— Do Seminário Maior ao Seminário Pastoral 2

— Um telegrama e uma carta 4

— Palavras do Reitor 7

— Palavras de um antigo aluno 11

— Cinco a lembrar cinquenta 17

— Crónica 24

Memória e Proposta

É com alegria e esperança que apresento a todos os antigos alunos do Seminário de Cristo Rei dos Olivais, a todos os membros do presbitério diocesano e a todos os cristãos da nossa diocese, sobretudo aos que partilham com a Hierarquia a responsabilidade pastoral, a «Novellae Olivarum», revista do Seminário dos Olivais. A História da revista quase se indentifica com a história do Seminário. Era, pois, justo, que neste ano jubilar, ela ressurgisse como palavra que anuncia às novas gerações a mensagem enriquecida em 50 anos de vida e de serviço da Igreja. Ela ressurge para ser memória e proposta: memória de uma tradição viva, de valores fundamentantes, de acontecimentos marcantes, de pessoas cuja passagem por esta casa foi decisiva; proposta de uma esperança, de um dinamismo renovado. Esta proposta será desafio, pretende ser contributo, será, pelo menos, anúncio do entusiasmo com que jovens de hoje se preparam para servir, como padres, a Igreja de amanhã. A sua disponibilidade e o seu projecto não serão, de por si, um anúncio de esperança?

Outrora revista dos alunos, «Novellae Olivarum» reaparece como revista do Seminário. Esta nova maneira de se definir é uma exigência da actual concepção de Seminário e de uma cada vez mais intensa inserção do Seminário na vida diocesana. De facto o Seminário é hoje, essencialmente, uma comunidade eclesial formativa, composta por todos os que nela participam. Qualquer das expressões da vida desta comunidade, brota da comunidade enquanto tal e empenha-a no seu todo. Por outro lado o Seminário está cada vez mais presente e inserido na vida pastoral da diocese. Uma revista que saia do Seminário como comunidade, tem de estar necessariamente orientada para a diocese, procurará o seu lugar específico na harmonia de um projecto pastoral, como o próprio Seminário, procurará servir. Nada do que diz respeito à vida da diocese lhe será indiferente; procurará, por seu lado, fazer com que nada da vida do Seminário seja indiferente à diocese. Se os temas especificamente relacionados com a formação do Seminário de cristo Rei aí aparecerem com um lugar privilegiado, é sinal que a revista se assume no que ela verdadeiramente quer ser: Revista do Seminário. Que ela seja a palavra que daqui parte para anunciar a vida e que a nós retorne convertida em frutos de vida.

O Reitor

Do Seminário «Maior» ao Seminário «Pastoral»

Novellae Olivarum volta hoje ao convívio com o seu público após uma longa interrupção e julgamos que não nos é permitida aquela atitude do velho mestre que se limitou a recomeçar as aulas com um simples «como íamos dizendo...»

Durante estes anos o nosso Seminário sofreu profundas transformações não apenas nas suas estruturas materiais, como sobretudo na sua concepção pedagógica. Julgamos, por isso, que neste primeiro número de regresso ao diálogo com os nossos leitores, devemos dizer como é que somos hoje.

Sensivelmente há uns dez anos, houve uma quebra numérica de alunos que deixou a comunidade quase a zero. Tal facto coincidiu com a decisão de estruturar o Seminário a partir duma concepção específica nova. Deixámos de ser um seminário onde desembocavam os seminaristas para terminar uma carreira iniciada nos dez-onze anos, para sermos um seminário pensado em si mesmo e em função da finalidade para que se orienta. Explicando melhor, direi que em vez de sermos substancialmente condicionados pelas avalanches de seminaristas que regularmente desaguavam no Seminário, passámos a condicionar a entrada nesta comunidade pela capacidade de correspondência aos objectivos que ela deve servir. Assim repensámos o Seminário Maior em função do Povo de Deus. Em certo sentido são as necessidades da comunidade diocesana que devem determinar o tipo de seminário que desejamos. O condicionamento pedagógico é determinado pelo perfil de padres que é necessário colocar ao serviço do Povo de Deus num lugar e num tempo específicos. É por isso que definimos o Seminário «Maior» como Seminário «Pastoral». Chamá-lo «Maior» é denominá-lo por referência ao que vem antes: «maior» é um termo comparativo que remete para os outros seminários «médio» e «menor». Quando o denominamos de «pastoral» estamos a referir-nos ao que vem a seguir, ou seja, remetemos para a finalidade que este Seminário deve visar: a formação dos *pastores* do Povo de Deus para o Patriarcado de Lisboa e também para outras dioceses que a ele recorrem: Santarém, Setúbal, Portalegre, Bragança, no presente, e ainda a título excepcional, dois seminaristas de Cochim.

Concebido em termos pastorais, isto criou algumas exigências de adaptação estrutural. Fisicamente procurámos quebrar o condicionamento dum edifício enorme, de longos corredores escuros, quase sem espaços de convívio para lá dum belíssimo parque. Assim reduziu-se o comprimento dos corredores com a parede amovível; anularam-se dois quartos em cada corredor para obter luz para os mesmos e conseguir um pequeno espaço de convívio. A enfermaria foi transformada em salão de convívio com um pequeno bar anexo e um amplo fogão de sala. Em ligação com este salão existe uma outra sala para a televisão e o refeitório grande ficou reservado para as festas, tendo-se construído um outro de dimensões mais familiares onde diariamente nos encontramos em mesas de quatro lugares, mais próprias para o encontro à volta da refeição. Também a capela grande foi substituída por uma mais

familiar, onde a celebração quotidiana do Ofício e da Missa pode ter uma expressão mais comunitária.

Mas estas são apenas as modificações materiais. Com elas pretendemos criar um novo «clima» no Seminário, convencidos como estamos de que o essencial duma pedagogia não é uma disciplina, mas um espírito. Tal espírito resulta do contributo essencial que cada elemento da comunidade é chamado a dar enquanto co-responsável pelos critérios que nos regem. Supõe-se à partida que o Seminário é integrado por seminaristas que já fizeram uma opção pelo sacerdócio ministerial. Isso levou-nos a remeter para mais tarde a entrada no Seminário: enquanto dantes se entrava aqui com dezasseis--dezasssete anos, agora não se entra antes de ter feito o segundo ano da Faculdade de Teologia. Aliás o critério básico nem sequer é escolar, mas sim vocacional. Exige-se uma maturidade vocacional que consista em já ter feito a tal opção pelo sacerdócio e que aqui se esteja para fazer a sua reparação imediata para ser padre.

A primeira característica do Seminário na acutalidade é ser uma comunidade eclesial de formação. A vida polariza-se à volta de três objectivos: a formação espiritual, o estudo da teologia e a iniciação pastoral. Consideramo-nos Seminário Pastoral não porque aqui se faça pastoral, mas porque aqui se preparam os futuros pastores. Assim, pomos todo o empenho na formação espiritual particularmente confiada a dois Di rectores Espirituais e à preparação teológica, esta especialmente acompanhada por um Prefeito de Estudos. A iniciação pastoral faz-se sobretudo em actividades nas paróquias circunvizinhas e é preparada e reflecti da com um dos padres formadores que mantem contactos estreitos com os Párocos respectivos.

Somos por isso uma comunidade aberta, inteiramente permeável à vida da Diocese e da Igreja universal, não só porque ela invade a vida do Seminário — aqui residem vários padres párocos ou alunos da Universidade Católica a fazerem reciclagem; aqui se realizam reuniões pastorais de clero e do próprio Conselho Presbiteral; aqui tem sede o Centro de Estudos Pastorais; aqui se reunem em cada fim-de-semana os mais variados grupos ecleisiais — mas também porque do Seminário se irradia permanentemente para as aulas diárias na Faculdade de Teologia, para as mais variadas atividades pastorais quer de base territorial quer especializada, para actividades culturais quer as que o próprio Seminário organiza quer aquelas que a sociedade civil propõe.

Se nos perguntassem, por fim, qual o perfil de padre que hoje se cultiva nesta comunidade, diria assim:

— Um padre aberto ao carácter multiforme da vida eclesial, disponível para servir em qualquer sector, de acordo com o essencial do seu ministério de presidente da comunidade, responsável pela Palavra e servidor dos Sacramentos.

— Um padre celibatário por opção, amante da pobreza e correspnsável na obediência.

— Um padre segundo o modelo apostólico, com uma espiritualidade ministerial, procurada na identificação com Cristo e na consagração apostólica a Nossa Senhora.

— Um padre com espírito eclesial e sentido litúrgico — na tradição do Seminário — preparado para o trabalho comparticipado e a partilha de dons.

— Um padre teologicamente seguro e pastoralmente aberto.

Este o nosso objectivo, de que nos procuramos aproximar de maneira cada vez mais perfeita, na esperança de assim corresponder às necessidades da Igreja no nos so tempo.

Pe. Carlos Paes

Um telegrama e uma carta

CITTA DEL VATICANO

REITOR SEMINÁRIO OLIVAIS
LISBOA

UBI COR DIOECESIS IBI COR EPISCOPI STOP SAUDO ANTIGOS ACTUAIS SUPERIORES ALUNOS NESTA DATA FESTIVA JUBILEU SEMINÁRIO STOP
PATRIARCA

Sagrada Congregação para a Educação Católica

Roma, 30 de Setembro de 1981

Senhor Cardeal,

Pela estimada carta de 23 do corrente, Vossa Excelência Reverendíssima informou-nos gentilmente da próxima celebração do 50.º aniversário da fundação do Seminário Maior Patriarcal de Cristo Rei.

Este Sagrado Dicastério, ao apressar-se em manifestar a Vossa Eminência os sentimentos da sua viva participação na fausta ocurrência, alegra-se em unir-se a essa igreja local no agradecimento ao Senhor por tantos benefícios dispensados ao pio Instituto. Deseja, ao mesmo tempo, fazer-lhe chegar a expressão do seu profundo contentamento e do seu sincero comprazimento pelo eficaz contributo dado pelo dito Seminário à renovação da Igreja em Portugal. Numerosos foram, de facto, os candidatos ao sacerdócio, pertencentes também a outras dioceses, que no Seminário Maior Patriarcal de Cristo Rei adquiriram a identidade e as atitudes presbiterais, na escola dos grandes valores indicados pela melhor tradição seminarística.

A constatação do trabalho generosamente cumprido nesse Instituto, sempre em

espírito da maior fidelidade às directivas do Magistério, bem como a satisfação pelos resultados conseguidos, são para todos motivo de encorajamento em prosseguir, sob a orientação ilustrada e sábia de Vossa Eminência, na via já trilhada e, ao mesmo tempo, de estímulo à reflexão sobre a insubstituível função que ainda hoje mantem o Seminário Maior, para assegurar as condições mais propícias a quantos desejam preparar-se para a missão sacerdotal.

O olhar que nesta circunstância necessariamente se orienta para o passado dessa comunidade eclesial deve também ajudar todos a terem ainda mais vivo o sentido do património de fé, virtude, obras e serviço que o Instituto acumulou até agora — certamente que não sem dificuldades — e que hoje é transmitido a quantos mais directamente são chamados a assegurar-lhe o cumprimento da sua alta missão. Aos responsáveis pelo andamento desse Seminário queremos, portanto, dirigir um caloroso apelo para que, aproveitando a feliz oportunidade da presente ocorrência, saibam enriquecer-se com as preciosas orientações doutrinais e pedagógicas do Vaticano II e com as positivas iniciativas e experiências deste período post-conciliar, para qualificarem esse pio Instituto sempre mais claramente na sua dimensão espiritual. Não é sem significado que a retomada, em larga escala, da curva das vocações no mundo se deva principalmente à renovação espiritual dos Seminários (Cfr. a nossa Carta circular «Sobre alguns aspectos mais urgentes da formação espiritual nos Seminários», I, p.6).

O nosso pensamento e o nosso convite dirigem-se também com grande confiança aos outros membros da Comunidade diocesana, para que todos, cada um na parte que lhe compete, se sintam corresponsáveis pela vida e pelo futuro desse Instituto. Esta activa participação de todos nos problemas do Seminário, além de ser uma exigência da eclesiologia de comunhão, é requerida pela própria experiência, que demonstra que a acção dos educadores dos futuros sacerdotes resulta menos eficaz, ou mesmo impossível, se não é precedida e acompanhada pela cooperação calorosa e incessante dos sacerdotes, dos religiosos e das religiosas, dos leigos que se dedicam ao ensino e, particularmente, dos pais cristãos.

Eminência, sabemos quanto é grande a esperança que a arquidiocese depõe no Seminário Maior Patriarcal de Cristo Rei, garantia do seu futuro moral, espiritual e religioso. Cremos que tal esperança não será desiludida se o Seminário se souber apresentar, diante de todos, como a imagem mais adequada e conveniente da pastoral a favor das vocações ao sacerdócio.

Com o fervoroso voto de que a Sua obra a favor dos candidatos ao sacerdócio encontre larga correspondência entre o clero e os fiéis da arquidiocese, desejamos certificá-Lo da nossa oração ao Senhor pelo feliz êxito das celebrações.

Aproveito de bom grado a circunstância para Lhe apresentar os sentimentos do meu sincero obséquio, com o qual me confesso

Seu devotadíssimo

(Ass.do Secretário e do Sub-Secretário da Congregação)



Na concelebração comemorativa do 50.º do Seminário dos Olivais, podemos distinguir, da esquerda para a direita:

D. Félix de Nisa; D. António Francisco, Bispo de Santarém; D. António Rodrigues, Bispo Auxiliar do Patriarcado de Lisboa; D. Maurílio Gouveia, Arcebispo de Mitilene; Presbitero Assistente - Mons. D. João de Castro, ex-Reitor do Seminário; Presidente da Concelebração - D. José Policarpo, actual Reitor; Diácono: Mário Rui Pedras; D. Júlio Rebimbas, Arcebispo Bispo de Viana do Castelo; D. Manuel Falcão, Bispo de Beja; D. João Alves, Bispo de Coimbra; D. António Santos, Bispo da Guarda.

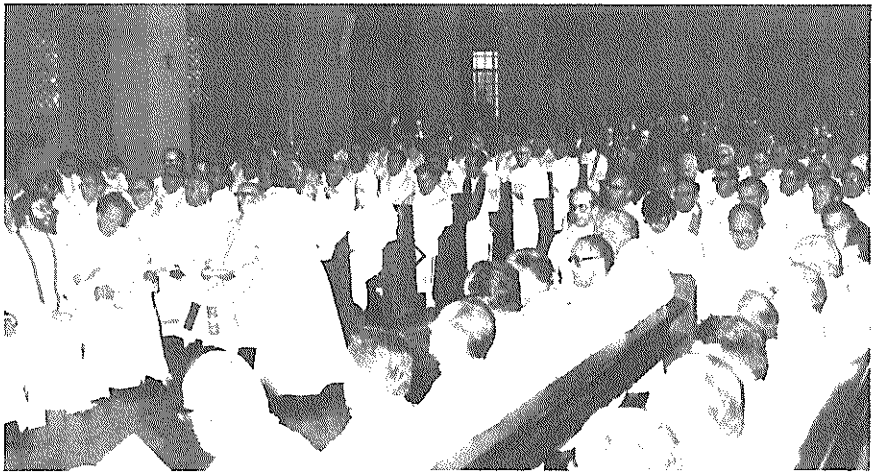


Imagem da assembleia, constituída por antigos superiores e alunos, padres ou leigos provenientes de todas as dioceses que formaram os seus seminaristas no Seminário dos Olivais.

Palavras do Reitor, D. José Policarpo

1. Celebramos hoje meio século de existência deste Seminário. Período de tempo que, na sua duração cronológica, não significa exactamente o mesmo na vida das pessoas e na das Instituições. Enquanto para cada um de nós, 50 anos são, na melhor das hipóteses, o espaço de tempo útil que a Providência nos reserva para o amor e para o serviço, na vida de uma Instituição esse mesmo período de tempo chega apenas para dar os primeiros passos, no traçar de um caminho específico, no cultivar de um conjunto de coordenadas e de valores que lhe definirão a própria fisionomia, no começar a tecer os fios de uma tradição. As Instituições da Igreja nascem e crescem, não ao ritmo da vida dos indivíduos, mas do Povo de Deus; elas destinam-se a servir a Igreja por períodos de tempo muito mais vastos do que aqueles que normalmente duram a vida das pessoas. É por isso que elas gastam e absorvem a vida de gerações sucessivas dos homens que as servem, porque as Instituições crescem e vivem, do amor e do dom daqueles que se lhes dedicam. É por isso que, ao celebrar a sua juventude, se celebra inevitável e simultaneamente o esgotamento e a morte daqueles que as serviram.

Um período de 50 anos na história do Seminário, não vai buscar o seu significado e a sua grandeza à simples duração. Não é o tempo cronológico o que mais conta, mas sim o tempo humano. A verdade destes 50 anos está na densidade do que aqui se viveu, do que aqui se sofreu e amou. Se é certo que a vida das Instituições absorve a vida das pessoas, é também certo que é a grandeza da liberdade dos indivíduos que caldeia e traça o destino e a história das Instituições. E de ambos a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo é o ponto de referência, o motivo do dom e do sacrifício, a fonte inspiradora dos horizontes a traçar e dos caminhos a seguir, a razão do ser e do agir.

2. A celebração deste cinquentenário é, por isso e antes de mais, um acto de justiça que o Seminário, como Instituição, deve às pessoas que o serviram, que quiseram que as suas vidas fossem o grão de trigo generosamente lançado à terra, para que a Igreja de Lisboa florescesse em motivos de esperança e sinais de redenção. Não cito, hoje, nenhum deles em especial, pois quero que esta justiça seja verdadeiramente a justiça de Deus, a que brota da fé. «Os meus pensamentos, não são os vossos, disse o Senhor»; o que verdadeiramente burilou a alma deste Seminário e constituiu os primeiros elos de uma tradição viva, foi a oração silenciosa dos homens santos que por aqui passaram, foi o estudo aturado de grandes intelectuais, nem sempre suficientemente conhecidos, foi um amor à Igreja, concretizado em momentos exigentes de obediência ao Bispo diocesano, que alimentaram as raízes da árvore frondo-

sa que este Seminário foi e a Igreja tem direito que continue a ser. «Sicut novellae olivarum», ficou gravado no frontespício do edifício novo. Mas os rebentos de oliveira supõem a solidez de um tronco, já tantas vezes apagado e carcomido pela vida, mas verdadeiro símbolo da continuidade, testemunho da unidade entre o passado e o presente, garantia de que o futuro será apenas a fidelidade continuada.

3. É por isso que estas celebrações são também uma exigência da sabedoria. É enorme a tarefa que incumbe hoje ao Seminário e imensa a esperança que nele é depositada: formar padres para tempos muito difícieis e muito diferentes da vida da Igreja, mas também enaltecer a figura do padre, tornar atractiva a vocação para o ministério sacerdotal e por isso, ser um foco de esperança para toda a Igreja diocesana. Numa diocese, quando o Seminário está vivo ele é o mais vivo sinal de esperança. Mas o Seminário dos Olivais só poderá, hoje, cumprir essa tarefa e alimentar essa esperança se se inspirar na sua tradição. E isso é possível na vida de uma Instituição quando, em cada época da sua história, aqueles que a dirigiram e serviram, se inspiraram na doutrina da Igreja, foram movidos pelo desejo de servir o Povo de Deus e se deixaram orientar por uma preocupação pastoral, de formar padres-pastores que respondessem às necessidades novas de tempos novos. E isso é uma característica contínua na história deste Seminário. O desejo de formar padres abertos às mudanças da história e preparados para os tempos novos foi uma preocupação constante destes 50 anos, atitude que, se conduziu o Seminário a algumas das páginas que mais o honram e definem, como foi o seu contributo para a formação do espírito litúrgico, o emaranhou também na maior crise da sua existência. Mas o sofrimento é um fio indispensável no tecido da História da salvação.

4. Esperais, certamente, de mim, neste momento, que vos diga algo do Seminário actual ou vos indique as grandes linhas do seu itinerário formativo. E ao fazê-lo, ao enumerar e definir as coordenadas principais da formação que o Seminário pretende hoje dar, curiosamente verifiquei que tanto podia apoiar-me e ilustrar as minhas palavras no actual magistério da Igreja, incluindo as *«Normas fundamentais para a formação sacerdotal nas dioceses portuguesas»*, documento da Conferência Episcopal Portuguesa, que a Sagrada Congregação acaba de aprovar, como nos primeiros estatutos do Seminário dos Olivais. Mudaram os tempos, e evoluiu a linguagem, mas as grandes linhas de força estão aí presentes, são contínuas; é a isto que se chama tradição.

5. Quis o Seminário definir-se, nesta última etapa da sua história, pela dimensão pastoral. Não queremos, com esta palavra, significar qualquer preponderância das formas de acção pastoral sobre outros aspectos da formação, mas sim sublinhar que, hoje mais do que nunca, se pede ao Seminário Maior que forme sacerdotes que sejam verdadeiros pastores para o Povo de Deus. A necessária planificação da pastoral acutal não nos deve fazer esquecer que hoje se escutam mais facilmente as pessoas do que as comissões. A fé e as convicções pessoais do pastor são, cada vez mais, a alma de toda a pastoral. A pastoral é uma arte e não apenas uma técnica ou uma acção planificada e a arte brota de corações criativos e abertos ao mistério.

Esta primazia da perspectiva pastoral está hoje claramente afirmada pelo

Magistério, desde o Concílio ao recente documento da Conferência Episcopal, que passo a citar: «Toda a educação dos candidatos ao sacerdócio deve tender para a formação de verdadeiros pastores de almas. A formação do pastor é, por conseguinte, o objectivo último de todos os meios de formação sacerdotal, sobretudo do Seminário Maior. É essa a orientação do Concílio Vaticano II: «A educação completa dos alunos dos Seminários Maiores deve tender para fazer deles verdadeiros pastores de almas, a exemplo de Nosso Senhor Jesus Cristo, Mestre, Sacerdote e Pastor». Tudo, na formação, deve convergir para os preparar como ministros da Palavra, do culto e para o «ministério de pastor». Devem aprender a amar, como pastores, todo o Povo de Deus, deixando-se progressivamente possuir por uma autêntica solicitude pastoral.

6. Mas o objectivo da pastoral e da missão dos pastores é a edificação da Igreja, comunidade dos crentes, Povo de Deus e Corpo de Cristo. Nós somos chamados a edificar a Igreja que Deus ama e quer, realização histórica de um desígnio eterno de Deus e epifania temporal da grande comunidade escatológica dos eleitos. Formar pastores é preparar pessoas concretas para um ministério determinado, em ordem à edificação da Igreja de Jesus Cristo. Há, assim, implicações eclesiológicas na formação sacerdotal. Dada a importância do ministério dos presbíteros na edificação da Igreja, o modelo de Igreja a edificar tem importância decisiva na formação sa cerdotal. Muitas das crises na Igreja e nas suas instituições encontram a sua origem em modelos de Igreja incompletos ou desviados. Não podemos delinear a fisionomia dos padres de amanhã a partir de uma Igreja concebida como simples força de transformação imanente das estruturas da sociedade; a Igreja que queremos edificar é, antes de mais um Povo de Deus, chamado ao louvor e à santidade, que encontra o traço mais profundo da sua natureza na sua vocação escatológica e o padre que a serve tem de ser um homem de Deus, devorado pelo transcendente, que encontra na sua função litúrgica de oferente, com Cristo, a razão de ser da sua doação e a exigência da sua santidade. Os padres do futuro também não se podem orientar para uma Igreja, concebida como reposição utópica da Igreja dos primeiros séculos, onde a pretensa autenticidade da Igreja primitiva justifica, por vezes, formas inquietantes de neo-pietismo. Eles têm de se preparar para serem servidores da Igreja actual, que recebe do Evangelho e da tradição a força inspiradora e o ponto de referência necessário para a verdade, mas que vai buscar ao Magistério e ao direito actuais a sua forma de ser e de se situar no mundo. Não queremos padres ao serviço desta espiritualidade daquele movimento ou de uma qualquer intuição original. O Padre que queremos formar deve ser servidor da Igreja na sua totalidade e na sua universalidade, capaz de respeitar o pluralismo das expressões legítimas de eclesialidade e de ser fiel às dimensões essenciais de qualquer forma de ser Igreja.

7. Escolher um modelo de Igreja redutor e unívoco, pode ser uma forma de fugir à complexidade da Igreja do nosso tempo, rica de intuições e de carismas, abundantes em formas novas e velhas de viver o Evangelho, inquieta na busca de novas espiritualidades e de variadas maneiras de conceber a sua missão no mundo. Pode parecer mais fácil escolher um modelo uniforme de Igreja, quer se trate da busca do modelo da Igreja primitiva, das diversas formas

de comunidades carismáticas ou da utopia das sociedades justas pelos processos de libertação socio-económico-políticos. A Igreja real é mais complexa, porque é plural: é carisma e instituição, é transcendência espiritual e imanência histórica, é celebração e acção; é contemplação e presença no mundo. E nós queremos formar padres para a Igreja real, na totalidade da sua realidade complexa.

É isto que significa a orientação pastoral da formação. Trata-se de preparar pessoas para um ministério concreto — o de presbítero, numa Igreja real — a de Lisboa. E assim como na vida do padre tudo decorre do seu ministério: a espiritualidade e o caminho de santificação, a generosidade apostólica, o esforço intelecutal e a criatividade pastoral, o que se é e o que se tem, assim a formação sacerdotal vai buscar inspiração ao ministério sacerdotal. A sua exigência e a sua riqueza inspiram o estudo, sugerem a espiritualidade, exigem a doação total. A nossa diocese precisa de padres totalmente dedicados ao seu ministério, na totalidade das capacidades, numa inteira disponibilidade de tempo e de coração; padres que estudem, porque o seu múnus o exige; que rezem, porque sabem que sem a oração a acção apostólica é como a massa sem fermento; que sejam fiéis à tradição, mas abertos à criatividade pastoral exigida por circunstâncias novas, apenas por fidelidade à missão que receberam de Cristo e da Igreja.

8. Porque o ministério sacerdotal encontra na Liturgia, sobretudo na celebração eucarística, a sua expressão máxima e a verdadeira razão de ser, porque aí a Igreja, a cuja edificação ele se destina, encontra a origem e o alimento, a vivência e a formação litúrgicas são o elemento envolvente da vida do Seminário e de toda a formação sacerdotal. Tradição tão querida e relevante do nosso Seminário, só nos mostra que ele encontrou desde a origem os traços essenciais da sua missão.

9. Tenho pena que Sua Eminência não possa estar hoje no meio de nós, pois seria para Ele a minha última palavra. O Seminário é o coração da diocese, porque está no coração do Bispo e tem o Bispo no coração. Todos nós que hoje somos o Seminário, Equipa responsável e alunos, queremos pôr o Senhor Cardeal Patriarca, como Bispo da diocese, no centro da vida da nossa comunidade. Somos-lhe devedores de uma grande amizade e confiança, saboreamos-lhe a delicadeza requintada e a simpatia afável; mas para além disso tudo, nós queremos olhá-lo com fé.

E a todos vós, padres e leigos que amais esta casa, onde aprendestes a amar a Igreja, eu queria pedir: continuai a chamar ao Seminário dos Olivais o vosso Seminário, porque, disso eu tenho a certeza, quanto mais ele for da Igreja, mais será de Deus.

D. José Policarpo

Palavras de um antigo aluno

Eminentíssimo Senhor Cardeal Patriarca
Excelências Reverendíssimas

Cumpre-me hoje missão tão honrosa como grata, qual a de usar da palavra na presente celebração dos cinquenta anos do Seminário Patriarcal de Cristo Rei.

É, na verdade, muito honroso falar do nascimento de uma grande Obra, concebida no pensamento e no coração de insigne figura da Igreja em Portugal: o Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira.

Mas também se torna para mim, deveras grato falar dessa grande Obra a cujo nascimento assisti e a que se encontram ligados alguns dos anos mais felizes da minha mocidade.

Em 24 de Outubro de 1931, dia chuvoso como poucos, abriram-se as portas desta Casa de formação sacerdotal. Eu fiz parte do grupo de alunos que vieram frequentar o 1.º ano de Teologia. Éramos quase 30, pertencendo 15 ao 1.º ano.

Haviam chegado no mês de Setembro os Padres dos Sagrados Corações que vinham dirigir o Seminário. Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca disse-me então: «olha, se tens disponibilidade nas tuas férias, vem mais cedo para o Seminário dos Olivais, a fim de estares com os novos Padres, e acompanhá-los e servi-los, pois como recém-chegados desconhecem Portugal, a começar pela própria língua.»

Assim se fez. Vim para este Seminário pelos meados de Setembro, onde estive com os novos Professores, para os acompanhar e servir no que precisassem.

Desta maneira, e durante algumas semanas, fui sacristão, fui telefonista, fui ecónomo, fui intérprete.

Por ter feito parte da primeira equipa de alunos e por ter sido o primeiro a entrar neste Seminário, no Palácio, pois era só o que existia, foi agora sugerido o meu nome para vir pronunciar algumas palavras nesta circunstância festiva. Para falar dos primórdios desta Casa e daqueles que a inauguraram.

E aqui estou. Só me custa que seja a minha pequena e humilde voz a fazê-lo. Mas, quando Deus quer, também é verdadeira a palavra camoniana.

> «Da boca dos pequenos sei contudo
> Que o louvor sai, às vezes, acabado.»

No caso presente, não sairá acabado o louvor. Mas demos-lhe, ao menos, começo.

Quando o Senhor Cardeal Cerejeira *sonhou* este novo Seminário, teve conversações com o Padre Matés Crawley, o grande apóstolo do Sagrado Coração de Jesus. Pediu-lhe que junto do Superior-Geral da sua Congregação conseguisse uma equipa de Padres para dirigir o Seminário projectado. O padre Matos disse que sim e prometeu tratar do assunto. Algum tempo depois, o Superior-Geral mandou dizer:

«Eminência: envio-lhe o ouro melhor que esta Congregação possui».

E vieram os Padres: Vítor Cadillac, Pascal Piriou, Constant Illion e Francisco Vakers.

Eram Mestres autênticos que ensinavam nas aulas e fora delas. A sua forte personalidade, a formação intelectual que possuiam, a disciplina do seu espírito, a Fé profunda que deles emanava, fizeram dos primeiros Professores desta Casa os pioneiros de uma grande sementeira que atingiu não só o Patriarcado de Lisboa, como outras muitas Dioceses do País.

O seu ensino era permanente. Sobretudo pelo exemplo. A sua Fé irradiava. Conseguiram criar um clima de verdadeira família, onde todos nos sentíamos bem, onde todos nos entendíamos.

Saudemos, pois, estes beneméritos e abnegados semeadores, que agora celebram o cinquentenário da sua vinda para Portugal. Para eles o nosso louvor e a nossa gratidão. Louvemos estes varões gloriosos, que o merecem.

O novo Seminário teve um Reitor chamado Mons. José Manuel Pereira dos Reis. Muito lhe deve este Seminário. Muito lhe deve a primeira geração de seminaristas desta Casa de formação sacerdotal.

Falar dele é falar de alguém que todos trazemos no coração. E creio bem que continua a ser o Anjo tutelar desta instituição. Nos corredores ainda ressoa a sua voz. Os seus ensinamentos continuam vivos e a influir naqueles que por aqui passsam.

Não me proponho falar de Mons. Pereira dos Reis. Todos sabemos quem é.

Apenas referirei alguns pequenos factos acontecidos na sua vida. É bem certo que os chamados *pequenos factos* da vida dos *grandes homens* trazem consigo a marca da origem.

Um dia, Mons. Reitor recebe neste Seminário uma visita de Lisboa. No meio da conversa, o visitante diz-lhe inesperadamente:

Monsenhor: V.Excia. é Reitor de um Seminário-Maior, um grande Seminário de Teologia, lugar, sem dúvida, de muito relevo na Diocese. Todavia, eu penso que a personalidade de V.Excia., a sua cultura teológica e humanística, o destinam a coisas ainda maiores, a lugares ainda mais altos na Igreja...

O Senhor Reitor viu o rumo que a conversa tomava e atalhou com estas singelas e definitivas palavras:

Sabe, meu caríssimo amigo: Para um padre há só um lugar bom, há só um lugar próprio: é aquele em que o nosso Bispo nos coloca.

E a conversa prosseguiu, mas por outros caminhos...

Em dia de anos do Senhor Reitor (30 de Janeiro), há festa no Seminário. Preside Sua Eminência. No fim dos discursos, o Senhor Patriarca encerra a Sessão solene com estes expressivos dizeres: «São admiráveis as virtudes que o Senhor Reitor cultiva. Mas notam-se nele dois grandes cuidados: a perfeição com que as cultiva e o modo como procura ocultá-las aos nossos olhos.»

Certa família faz viagem, de combóio, de Lisboa para Coimbra. Acompanha-a um Professor universitário, que não é crente. Durante o percurso, entra no combóio e para a mesma carruagem Mons. Pereira dos Reis, que também vai para Coimbra. Cumprimenta a referida família, da qual era amigo. Faz-se a apresentação entre Mons. Pereira dos Reis e o mencionado Catedrático.

Este, logo após a apresentação, interroga:

— É V.Excia. o Senhor Doutor Pereira dos Reis?

— Sou, responde o interpelado.

— Pois então, exclama o Professor ateu, devo dizer que estou na presença do Padre mais inteligente, mais culto e mais virtuoso que há em Portugal.

O que agora vou contar ficaria bem se viesse numa biografia de S. Francisco de Assis. Mas não pertence à biografia de S. Francisco. Aconteceu com Mons. José Manuel Pereira dos Reis.

Já perto do fim da vida, Monsenhor é visitado por um antigo aluno. E aconteceu o seguinte curioso diálogo:

— Como é que tem passado, Mons. Reitor?

— Sabe? Nosso Senhor tem sido muito meu amigo. Tirou-me muita coisa, mas há uma só que me deixou. Eu lhe explico: Nosso Senhor tirou-me a vista, tirou-me o ouvido, tirou-me certos movimentos dos braços e certos movimentos das pernas. Tirou-me muita coisa. Mas há uma que me deixou.

— E qual foi? pergunta o antigo aluno.

E surge a magnífica resposta do nosso Magnífico Reitor: Deixou-me a alegria de alma.

Além dos excelentes Padres dos Sagrados Corações, além do seu Magnífico Reitor o Seminário de Cristo-Rei contava com o extraordinário Prelado que tinha sido o seu Fundador.

Com que amor o concebera!

Com que amor o fundara!

Com que dedicação vivia os seus problemas!

Sua Eminência andava muito perto dos homens e sentia vivamente tudo o que aos homens interessava.

Mas vivia também, e antes do mais, muito perto de Deus. Nessa intimidade com o Senhor hauria Sua Eminência todo o ardor com que se dedicava às obras de apostolado. O Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira todo ele era oração, todo ele era elevação espiritual.

Como disse um dia o romancista Antero de Figueiredo, «quando falamos a Sua Eminência o Cardeal Cerejeira, apetece falar-lhe de joelhos.»

Das facetas da sua multiforme e tão rica personalidade refiro agora aquela que mais forte impressão me causava e continua ainda a causar: o seu amor forte, vibrante, apaixonado pela Pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Ouvi-lo falar do Senhor Jesus, como Deus e como Homem, era coisa para nunca mais esquecer. Quantas vezes nós o ouvimos, nesta Casa, falar dos encantos da natureza divina e da naruteza humana daquele adorável Filho de Deus e eterno Encantador de almas, que veio habitar no meio de nós!

Com que riqueza doutrinal e com que mística elevação nos falava do mistério do Verbo Encarnado! Não posso esquecer o muito que lhe ouvi em semelhante matéria.

Efectivamente, quando em Cristo se não contempla o Amigo, o Senhor pode aparecer como um Deus muito alto, um Deus que é Majestade, um Deus teológico, um Deus histórico ou ainda o Deus dos sábios e dos filósofos.

Mas o Evangelho vai imensamente mais longe quando nos faz a grande Revelação: Deus é nosso Pai, e o Filho de Deus desce à Terra para ser o Salvador, o Irmão, o Amigo de todos os homens.

Apetece comentar: quando Deus nos tira o ouvido, a vista e muitas outras coisas mais, e alguém conserva a alegria de alma, é caso para dizer: se não se tratar de santidade, estar-se-á muito perto dela, muito pertinho mesmo...

Num livro importante de Sauvé, escreve-se com clarividência:

> «Se uma alma começa a preocupar-se com o problema de Cristo, está bem.
>
> Se vê n'Ele o Salvador, o Homem-Deus, entrou na verdade.
>
> Mas ainda lhe falta um grande passo a dar; é dizer: este Homem-Deus é meu Amigo.»(1)

O Senhor Cardeal Cerejeira ensinou-nos a dar este passo. Ensinou-nos a dizer: Nosso Senhor Jesus Cristo é meu Amigo, é o meu grande e maravilhoso Amigo.

Esta foi uma das coisas belas entre as muitas coisas belas que Sua Eminência nos mostrou. Guardamos tal ensinamento no mais íntimo do coração, qual pérola de alto valor de que o Evangelho nos fala.

Agradeçamos, pois, ao Senhor D. Manuel Gonçales Cerejeira o muito que lhe devemos.

Os nossos Mestres eram assim. Desde os Padres dos Sagrados Corações, ao Senhor Reitor, ao Senhor Cardeal Patriarca, eram Mestres consumados.

Valiam nos três grandes escalões: no da erudição, no da cultura e, sobretudo, no plano mais alto — o da Sabedoria —; aquela Sabedoria que vem de cima e só pode ser comunicada pelo Espírito Santo.

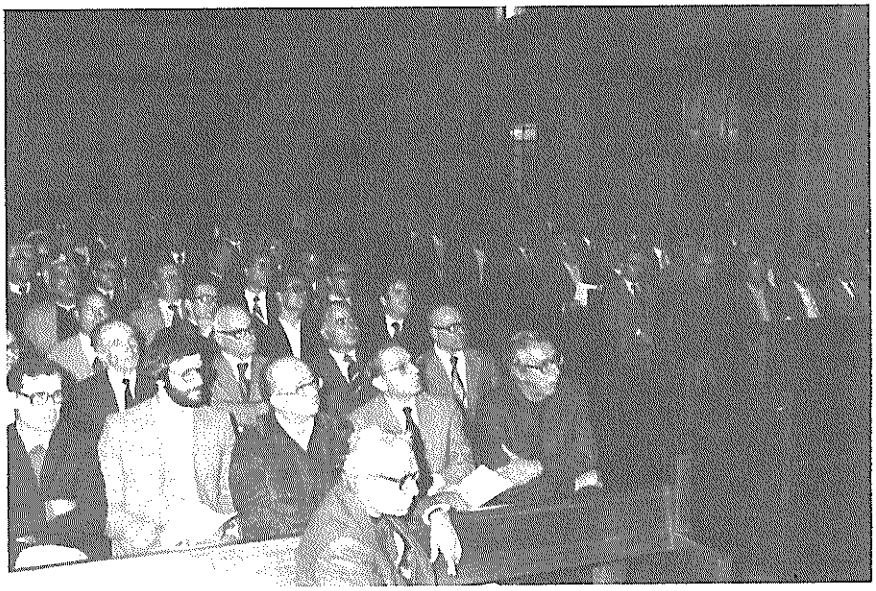
Tal Sabedoria levava-os a derramarem à sua volta o que o Senhor neles havia depositado. E alimentavam quantos com eles conviviam. E recordo nesta altura que a palavra *aluno* provém exactamente do verbo latino *alore* (alimentar).

Estes Mestres de quem falo sabiam alimentar os espíritos porque tinham a verdadeira Sabedoria.

E fizeram sementeira. A semente caiu abundante e nem toda se perdeu. Alguma produziu, não sei se produziu cem, ou ses-



Na Sessão Solene, um coro constituído pelos actuais alunos executa alguns números musicais, sob a regência do Pe. José Ferreira.



A assistência escuta interessada um dos discursos pronunciados durante a sessão solene na tarde do dia 24 de Outubro de 1981.

senta, ou trinta, mas produziu.

Criou-se no Seminário nascente um clima de família, onde havia pais, onde havia filhos, onde havia amigos.

Existia confiança recíproca, sem grandes vigilâncias. Apelava-se para a consciência de cada um. E dava resultado. O Regulamento falava de confiança nas pessoas e falava de liberdade. E também da consequente responsabilidade. Tudo caminhava bem.

Em linguagem antiga de 20 séculos, poder-se-ia chamar *ambiente de Nazaré.*

Em linguagem moderna, *igreja doméstica.*

Havia entendimento, havia disciplina, havia harmonia e paz.

Ainda me recordo de quanto nos recreios se falava do clima existente na Casa de Nazaré, de como constituia parte do nosso ideal viver esse clima de comunhão.

Ainda me recordo de como nos recreios se conversava a respeito de planos que então se faziam quanto ao futuro apostolado junto dos irmãos que desconheciam Cristo.

Cultivava-se com força a vida espiritual. O Senhor Vice-Reitor, Padre Vítor Cadillac, referia em certa ocasião quanto apreciava receber no seu gabinete determinado aluno só para o ouvir a respeito da Santíssima Trindade. A maneira como falava esse mistério constituia grande prazer de espírito para o Vice-Reitor.

Nessa *igreja doméstica* havia gosto em prestar serviços. Vivia-se em fraternidade.

Um companheiro nosso, não dos alunos fundadores, mas, em todo o caso, pertencente aos primeiros anos, companheiro cujo nome posso perfeitamente revelar (chamava-se Gregório Neves), afixou certo dia,numa parede, os seguintes elucidativos dizeres: «O Gregório vai hoje a Lisboa. Se algum dos caríssimos precisar de qualquer serviço na capital, é só dizer; o Gregório está às ordens.»

Era assim que se vivia nesta comunidade inicial.

Carlos Malheiro Dias, em anos recuados, exortava a mocidade universitária de Coimbra: contemplai as alturas. Subi às torres.

Efectivamente, olhar para o alto faz bem ao espírito. Contemplar as torres desperta em nós desejos de subir.

Os primeiros alunos desta Casa encontraram aqui modelos de vida sacerdotal, corações dedicadíssimos a Cristo e à Sua Igreja.

Que o seu exemplo constitua permanente apelo para todos nós. Que eles continuem a ser os Anjos tutelares que nos inspirem.

Ao olhar para eles, que possamos, cada vez mais, fazer nossa aquela formosa quadra quinhentista, agora aplicada ao nosso amor a Cristo, à Igreja e aos irmãos:

> «Sempre será meu amor
> como a sombra, enquanto eu for:
> quanto vai sendo mais tarde
> tanto vai sendo maior.» (2)

Penso muitas vezes nesses meus antigos Mestres e interrogo-me: Que fariam eles, como procederiam, se estivessem, aqui e agora, no meu lugar?

E procuro que a sua evocação me inspire.

Será esta uma forma de lhes prestar homenagem.

A Écloga que há momentos citei falou-nos do entardecer da vida. E surge-me o pensamento de fazer uma prevenção aos meus companheiros que, há cinquenta anos, inauguraram comigo este Seminário. A prevenção é a seguinte: não caiam no erro de, apesar de meio século passado, se considerarem velhos. Não caiam nisso. Não pensem em tal.

Então, porquê? Se não somos velhos, que somos nós? perguntará alguém.

Eu respondo com a sabedoria do nosso povo: só é velho quem velho se sente e velho se julga.

Permitam que lhes conte:

Uma vez encontrava-me eu com o Prof. Hernâni Cidade que me falou de um seu neto, chamado Pedro, e que então andava pelos oito anos.

O Pedro brincava com alguns companheiros da mesma idade. Um deles diz-lhe

assim: Olha, Pedro, o teu avô tem muita idade,já é velho.

Ao que o Pedro replica prontamente e com vivacidade: Não é tal.

O meu Avô não é velho. Ser velho é não prestar para nada. E o meu Avô presta para muita coisa. Não é nada velho. É antigo. Antigo, sim. Mas velho, não.

Lembremo-nos da lição do Pedro: antigos, sim: mas velhos, não.

Quem pode repetir com alegria a quadra de Crisfal:

> «Sempre será meu amor
> como a sombra, enquanto eu for:
> quanto vai sendo maior»,

por mais que os anos passem, por mais que a vida se alongue, por mais que a neve teime em ir caindo sobre a cabeça, a juventude fica, a juventude permanece, porque se trata daquela juventude que brota da eterna Primavera que há em Deus.

Desta maneira, podemos atravessar estios ardentes ou invernos rigorosos, mas, tal como o nosso Poeta maior, vamos sempre dizendo, a cantar:

> «Só p'ra meu amor é sempre Maio.»

São horas de concluir. E faço-o com a palavra recente do Senhor D. José Policarpo a respeito da presente celebração do meio século do Seminário de Cristo-Rei:

«No encontro fraterno dos vivos e na recordação saudosa dos mortos, o nosso encontro deste dia será sinal anunciador de uma fidelidade futura.»

Tenho dito

Cónego Azevedo Pires

Seminário dos Olivais,
24 de Outubro de 1981.

---

(1) **Prêtre intima.**

(2) **Crisfal.**

Cinco a lembrar cinquenta

1 Meus senhores, se o tempo voa
E o muito em pouco resume,
Não pode porém levar
O tanto que hoje nos une.

Geração e geração,
Anda à roda sem parar,
Mas pára nos corações
O que fica p'ra lembrar.

Fechai olhos, abri almas,
Deixai correr a saudade:
E vereis que quanto é belo
Não morre, não tem idade.

Foi ontem, será depois?
Que'importa? Será do céu!
Lá onde a eternidade
Para o trabalho é troféu.

E destes cinco decénios
Que a recordação sustenta,
Seremos no meio de vós
Cinco a lembrar cinquenta.

2 «Porque o velho Seminário Patriarcal de Santarém além de impróprio era insuficientíssimo para albergar o número de alunos necessários ao Patriarcado e também porque o Direito Canónico aconselha dois seminários em cada diocese, era preocupação absorvente de D. António Mendes Belo a erecção dum novo Seminário junto da capital» (1).

3 23 de Novembro de 1927: D. António Mendes Belo «faz constituir por escritura a sociedade Progresso de Portugal a qual cuidará de, em seu nome, garantir a posse à Igreja de bens mobiliários e imobiliários, ficando como Presidente da Direcção o Senhor Doutor Abel de Andrade» (2).

1 Era a ideia, a semente,
Que ficou a germinar.
Morreu D. António Belo,
A outro coube regar.

D. Manuel Cerejeira:
Novo e jovem Patriarca,
Com um coração tão grande
Que o sonho maior abarca.

4 5 de Junho de 1931: «Por iniciativa do Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira, a sobredita sociedade de Progresso de Portugal adquiriu o Palácio da Quinta do Cabeço e seu Parque, sublocados a Mons. Dr. José Manuel Pereira dos Reis» (3).

5 *24 de Outubro de 1931*, véspera da festa de Cristo Rei: «A primeira entrada de alunos para o Seminário dos Olivais. Vieram (uns 30), na sua quase totalidade do Seminário de Santarém, para frequentar os 4 anos de Teologia» (4).

1 Eram estes os primeiros,
Primeiros de tantos mais...
Hoje, com o mesmo número,
Prosseguem os Olivais.

Muitos, poucos? Sabe-o Deus.
São os que o Espírito dá
E o coração aceita
Para o tempo que virá.

2 «No dia 1 de Novembro (do mesmo ano de 31), festa de Todos os Santos, celebrou solenissimo pontifical sua Eminência, na magnifica capela do palácio joanino. De tarde, o mesmo Eminentíssimo Senhor, assistido do Cabido, Superiores dos Seminários de Olivais e Santarém, muito clero e fiéis, abençoou o edifício e suas dependências» (5).

1 Eram tempos de aventura,
De reconquista do mundo:
Com Pio XI, era Cristo
De novo a reinar jucundo.

O que era, o que marcava,
Na vida, na devoção,
Dizia-o o Patriarca
Em solene Provisão:

3 «Vai fazer-se no próximo dia de Todos os Santos a inauguração solene do novo Seminário Patriarcal dos Olivais, que ficará sob a invocação de Cristo Rei. É um acontecimento capital para a vida religiosa do Patriarcado. Nele pomos as nossas melhores esperanças. O futuro religioso da nossa diocese depende principalmente dele. Em Santarém e nos Olivais, ficarão batendo todos os corações amigos de Deus que, diante dos males presentes, oram e sofrem para que o Senhor envie à nossa Igreja Patriarcal um novo Pentecostes de santidade, por intermédio de muitos padres segundo o Coração de Jesus. Porque de padres sábios e santos depende essencialmente a cristianização das almas — digamos tudo, a salvação do mundo.
Não há obra alguma cristã que equivalha em necessidade e importância à obra dos Seminários. Nenhum católico verdadeiro deverá desinteressar-se dela, certo que, ajudando-a, está trabalhando da maneira mais eficaz na obra da reedificação da Igreja em Portugal» (6).

1 Assim, como rebentos de oliveira...
Em tão antigo chão, semente nova.
E onde a mão segura, a mente clara,
D'agricultor ao preço de tal prova?
Se a obra é do tamanho do obreiro
E a colheita o fruto da semente,
Para tamanha urgência, tal cuidado,
Qual o servo, fiel e prudente?

4 Provisão de 8 de Setembro de 1931: «Sendo necessário prover oficialemente de Reitor o nosso Seminário Maior de Cristo Rei (...) e desejando nós escolher pessoa que possa, pela sua cultura de espírito, fervor de piedade e finura de educação, formar os novos sacerdotes, que queremos esclarecidos de doutrina, ricos de piedade e virtudes, e primorosos de trato e sentimento; e concorrendo ao Revm.º Monsenhor Cónego Dr. José Manuel Pereira dos Reis, antigo professor do Seminário de Santarém e actual pároco da freguesia dos Anjos as qualidades requeridas. Havemos por bem (...) nomear Reitor do Seminário Maior de Cristo Rei (...) ao Revm.º Senhor Cónego José Manuel Pereira dos Reis» (7).

5 Amor à Liturgia, amor à Igreja, espírito de família: três sementes duma única floração, foram deitadas abundantemente a esta terra por Mons. Pereira dos Reis.

2 Mas não veio só: Com ele, os Padres dos Sagrados Corações. Vieram de longe, mas ficaram próximos: próximos na intenção, na obra, bem dentro do coração do Seminário. Desde a primeira hora, os primeiros a chegar: Padre Victor Cadilhac, vice-reitor; Padre Pascal Piriou, que lhe sucederia no cargo anos depois, Padre Constant Hillion, Padre Francisco de Assis Wakkers; o Padre Plácio, depois e ainda com outros. E desde 35, por muitos, muitos anos, como ecónomo, o Padre Joaquim Mourão Vieira.

1 Lembram-se assim os primeiros
Que aqui deixaram a vida:
Sementes de tanta flor,
Construtores da obra erguida.

Com estes, glória aos demais,
Connosco ou já partidos,
Estão vivos sempre, no peito
de todos, agradecidos.

Mas aos da terra, os do céu
Eram chamados também;
Porque a obra tão tamanha
Maior protecção convém:

3 «O Seminário foi consagrado a Cristo Rei, em sinal de união de espírito e de coração com o (...) Pontífice que criou a Festa da Realeza de Cristo, para a formação de sacerdotes que se dediquem totalmente à dilatação do Reino de Deus.

4 Sendo do Patriarcado e inaugurado no 7.º centenário de Santo António, colocou-se sob o patrocínio do grande santo, que nasceu na mesma diocese; e propõe-se à imitação dos seus alunos, especialmente na devoção à Santíssima Eucaristia, no zelo do apostolado e no amor da pobreza.

5 Colocou-se ainda sob o patrocínio de Santa Teresinha, que quis ser espiritual irmã de sacerdotes e por eles consagrou a vida no Carmelo: esperando que os seminaristas se formem no caminho da infância espiritual, isto é, da humildade, docilidade e abandono filial nas mãos de Deus, de Cristo e da Igreja e do Patriarca de Lisboa, que directamente os representa junto das suas almas» [8].

1 Cristo Rei, da realeza
A remir pela verdade,
No coração dos que ouvem
Com prontidão, humildade.

Não há maior padroeiro
Para os padres do futuro:
Está no coração de Cristo
O baluarte seguro.

E, com ele, Santo António,
De Lisboa a flor mais alta,
Padroeiro d'aventura,
Pobreza que o céu exalta.

E também Santa Teresinha:
Na paz e na confiança
Daqueles que sabem ter
Uma alma de criança.

2 Assim começou. Assim cresceu o nosso Seminário. Cresceu depressa, em gente e em tamanho.

3 Em gente: em Outubro de 32 já abriu com 83 alunos, porque vinham também os filósofos e mais os de Beja.

4 Em tamanho: em 30 de Outubro do mesmo ano de 1932, benzia-se a primeira pedra do novo pavilhão. Seguir-se-iam um outro e a capela.

5 E por dentro? Por dentro, eram as aulas, o estudo, as sabatinas.

2 As aulas. E entre todas, por exemplo, a última de Monsenhor Pereira dos Reis, na ida para Roma, pela memória e pela saudade. A 12 de Abril de 1945, como conta a nossa Revista: «Foi à noite, depois do recreio do jantar, no anfiteatro do pavilhão de Santo António. Subiu à cátedra, como tantas vezes subira durante largos anos de professorado: calmo, sorridente, verdadeira figura do mestre que se impõe. Mas esta aula ia ser diferente de todas as outras; era a última (...). (Monsenhor) agradeceu. Abriu o seu coração e deixou-o falar. Não podemos mais esquecer, pela vida fora, as palavras que então nos dirigiu; não, a sua última aula, a lição do seu amor por nós, não mais nos esquecerá» [9].

1 Aulas? Tantas, tantas,
Mestres, após mestres...
Os anos andando,
A semente cresce.

Doutrina sentida,
Palavra e acção:
Teologia é vida,
Luz e conversão.

Hoje vamos a Lisboa,
Ouvi-las à Faculdade.
Mas aqui ou lá, qu'importa,
Se é sempre uma a verdade?

3 E as sabatinas?

4 Sim, as sabatinas. Para aguçar o estudo e avivar a memória. Ouçam a Novellae Olivarum de Março de 42:

5 Sabatinas ou quintinas? Dizem que nem uma coisa nem outra, mas que é jovial (...). Chamem-lhe lá o que quiserem que eu não me importo, mas para mim hão-de ser sempre sabatinas, embora feitas à quinta-feira (...). No dia 29 de Janeiro houve a primeira sabatina desta época, e, como é natural, começou pela mais importante, isto é, a de dogma. O nosso sempre amigo senhor Padre Plácido aconselhou-nos a juntar mais este sacrifício aos que já tínhamos feito e a apontá-lo no «tesoiro espiritual» a oferecer a Monsenhor Reitor (...). Para que ninguém desfalecesse a meio, colocou três tangerinas na mesa, para aqueles que se sentissem fracos».

1 Para dar, enche-se a saca,
Com canseira, com afã.
Sabatinas! Hoje, os pontos:
Guardar hoje pr'amanhã.

Era assim, a espevitar
A memória, a persistência;
Que a custo de muito esforço
Se ganha alguma ciência.

2 E era a Academia de Santo António. Vamos espreitar uma das suas sessões. A de 15 de Outubro de 44, por exemplo, como narra a entrevista:

«Abriram os trabalhos do novo ano académico. A Academia reuniu-se no anfiteatro do pavilhão de Santa Teresinha. Os seminaristas corresponderam ao apelo que lhes foi feito e encheram literalmente a sala (..). O novo presidente apresentou cumprimentos de boas vindas aos seminaristas do Algarve e de despedida aos de Portalegre. Por um académico foi apresentado o trabalho principal sobre Eça de Queiroz (...). (O) secretário da Academia, recitou uma poesia da sua autoria, dedicada às missões» [10].

4 E era também a Associação de Santo Condestável, a Conferência de São Vicente de Paulo, o Círculo Missionário, a Obra dos Coadjutores Espirituais, as Equipas de Cinema, de Arte, eu sei lá...

2 A Associação de Santo Condestável, por exemplo, para a organização do lazer, a criatividade em acção. Do seu relatório de l.º semestre de 36/37:

«Futebol: a bola foi toda descosida e novamente posta em são.
Voleibol: inaugurou-se o novo campo e fez-se uma nova rede.
Basquetebol: adquiriu-se uma bola nova.
Jardinagem: Fez-se 1$50 em flores. Plantaram-se algumas dezenas de goivos e rainunculos. Semeou-se um canteiro de linho. Fez-se um novo canteiro no qual se plantaram algumas centenas de malmequeres.
Organizou-se um passeio a Santa Iria. Adquiriram-se duas bolas para o jogo dos paulitos e fez-se o respectivo campo que mais tarde foi desmanchado por motivos imprevistos» [11].

1 Toda a dimensão da vida
Tem um lugar necessário
Na atenção, no programa,
Deste nosso Seminário.

Nada no mundo há de estranho
Para quem o quer servir;
Em tudo o que é humano
Há-de a semente florir.

3 Mais um sector: a Catequese. Conta a nossa Revista de Novembro de 44:

4 «Já foi organizado todo o serviço de catequese, cá no Seminário e pelas freguesias circunvizinhas. Aqui, a catequese é ao domingo. Os seminaristas, lembrando-se de que todo o padre tem de ser catequista, procuram pôr neste santo trabalho todo o seu amor, todo o seu entusiasmo, toda a sua dedicação. Às quintas-feiras, logo depois do almoço, partem os catequistas para as freguesias que rodeiam o Seminário. A vida do padre, lá fora, nesse Patriarcado extenso que é

preciso recristianizar, será feita de muitos sacrifícios e herocidades. Andamos já a preparar as nossas futuras caminhadas apostólicas».

2 E era a **Novellae Olivarum:** Saiu o 1.º número em 13 de Março de 36, como órgão da Academia de Santo António. A partir do n.º 5 é manuscrita. Depois de 43 é oficialmente a revista dos alunos do Seminário e sai já impressa. Interrompe a publicação em 61 e retoma-a em 65, «por uma urgente necessidade de ajudar a Igreja em Portugal na renovação a que o Concílio a chama».

1 Uma vida toda cheia:
Estudo, cultura, oração,
Desporto, canto, convívio:
Sementes no coração.

Tanta coisa, tantas horas,
Ano após ano: mei'cento!
Cada um as tem consigo
Na mente, no sentimento.

3 A partir de 1967 a nossa Revista chama-se **A Palavra e o Tempo**. Suspenderá a publicação no ano seguinte.

4 Mas voltará este ano a publicar-se, se Deus quiser. Para ser de novo o elo de ligação entre todos os que formamos esta comunidade: os de ontem, os de hoje, os de amanhã.

5 Ela que foi a crónica amiga do nosso dia-a-dia; a chama irradiante do movimento litúrgico; a achega pastoral sempre bem-vinda; estará de novo connosco e convosco. E sentir-se-á mais forte o pulsar do coração da diocese.

1 Qual rebento de oliveira,
A nossa revista era
Aquela palavra amiga
Que o tempo não supera.

Da oliveira perene
Sairá mais um renovo
E a Novellae Olivarum
Estará convosco de novo!

2 A Liturgia. Foi a alma desta casa. É-o. Sê-lo-á sempre também. Foi o maior legado do 1.º Reitor, imperavam-na os Estatutos, dizendo assim:

3 «Sendo a vida litúrgica a própria vida mística de Jesus Cristo — Sacerdote, na família católica, empenhem-se os seminaristas em profundamente radicar na alma o amor e a prática da piedade litúrgica, procurando alimentá-la no pensamento e no sentir da Santa Igreja, patentes nas suas solenidades diárias, nos seus ritos, nas fórmulas da sua prece colectiva, nas expressões da sua arte. Do apreço em que tiverem o espírito profundo da Igreja e as manifestações exteriores desse espírito dependerá a perfeição da sua conduta no presente e a fecundidade e santidade do seu ministério futuro» (12).

1 Sacerdócio é comunhão,
É ponte da terra ao céu,
É vida que vai do mundo
À pátria d'além do véu.

E por isso, nesta casa,
A cada um se dizia
Que a vida do sacerdote
É inteira liturgia.

2 A música! A música sacra e o seu esplendor. Que momentos inesquecíveis. Como na festa da Imaculada do ano de 1940. Conta-nos a Novellae Olivarum manuscrita de então:

3 «As cerimónias realizaram-se com o máximo brilho como convinha à solenidade no ano de 1940. O nosso venerando episcopado, envergando as vestes talares, partiu da Igreja da Madalena em direcção à Sé (...). O grupo polifónico entoou magistralmente o «Ecce Sacerdos», anunciando a chegada de Sua Eminência (...). Cantou-se Tertia (...). A grande orquestra da Emissora Nacional executou com técnica, brio e perfeição. O grupo polifónico obteve um verdadeiro triunfo».

4 E foi assim. Durante muito tempo, ao vivo e pela rádio, nas celebrações transmitidas da nossa capela do Seminário. É tradição rica de mais para se poder perdê-la. Confiamos em Deus e em Santa Cecília!

1 Cantar bem, dizia o santo,
É rezar dobradamente:
Louva o Senhor com beleza
E ao céu eleva a gente.

Nesta casa, neste dia,
Di-lo-ei, vós o sentis,
Um nome se eleva alto:
Do Padre Manuel Luís!

5 O dia a dia duma casa de irmãos. E o inesperado, a graça. Como em Dezembro de 57:

2 «Dezembro ainda em princípio e já pelas galerias e corredores se trauteavam melodias natalícias (...). O Natal estava assim a ser preparado com notável antecedência.

3 Mas eis que o vírus de uma «asiática» quase nacionalizada, principiou com êxito a prostrar-nos quase em série. As actividades escolares terminaram na desolação, pois que os escassos elementos da resistência que pacientemente iam constituindo o auditório das últimas lições, sucumbiam a pouco e pouco.

4 Na enfermaria as camas ficaram em pouco tempo esgotadas, o que trouxe à circunstância um cunho de muita originalidade. Isto mostra que nós somos solidários até na doença. Foi de facto, o que se pode chamar uma «epidemia comunitária». Enquanto o enfermeiro corria açodado, distribuindo injecções à esquerda e à direita, o público enfermo passava horas verdadeiramente divertidas.

5 Chegou por fim a decisão final: devido aos efeitos da gripe, a comunidade ia antecipar as suas férias, adiando para inícios de Janeiro os exames trimestrais. Nunca acreditei tanto no poder da sugestão! Como por maravilha, as temperaturas baixavam, as dores de cabeça desapareciam (...). A «evacuação de emergência» fez-se na maior ordem e com notável rapidez».

1 É assim, pequenas coisas:
São os fios duma teia,
Que tecida, pouco a pouco,
Compõe a alma e enleia.

E vive-se a maior parte
Da vida em simplicidade;
Mas é com coisas somenos
Que se faz a amizade.

3 No Seminário toda a vida se organiza para a formação de novos padres. Por isso, as festas dos finalistas eram e são a coroa da obra feita e o antegosto dum futuro promissor. Momentos altíssimos de alegria fraterna. Como a de 1944, por exemplo:

4 «No dia 13 de Junho realizou-se a festa dos quartanistas. Ela, a bem dizer, é dos terceiranistas, porque eles é que fazem tudo, mas é em honra dos que vão partir. E é sempre comovente uma partida... separação.

De manhã, 13 de Junho: Alvorada ao som melodioso dos violinos. O corredor do primeiro andar, iluminado por três bicos de azeite, transportados por uma pomba para a catedral que se erguia, majestosa, ao fundo do mesmo, dava-nos uma sensação agradável de arte e sobretudo do carinho com que as portas dos finalistas foram enfeitadas. Depois, pontifical solene, celebrado por Monsenhor Reitor, com o ofertório público de todos os que iam partir (...). O almoço, realizado num ambiente simples de família, deu-nos mais saudades e vontade de ficar. À brilhante sessão da tarde assistiu o Senhor Cardeal Patriarca, tendo sido representado o «Auto da História de Deus» de Gil Vicente. Houve a distribuição do album de caricaturas aos finalistas e Sua Eminência saudou os que iam partir e deu a sua benção a todos» (13).

5 E das despedidas à ordenação. Como nos relata o cronista da Novellae Olivarum, a propósito das de 15 de Agosto de 1957:

2 «Finalmente o dia 15, o dia grande, não só do Seminário, bem como de toda a diocese. Uma vigília nocturna preparou-nos a todos para o acto solene das ordenaçõs. Foram momentos de recolhimento e de amor, tanto da parte dos ordinandos, como dos que assistiram. É sempre impressionante o momento em que Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca escolhe alguns do meio de nós para os ungir com a unção sacerdotal. Parabéns aos que partiram! Paciência e persistência aos que por cá ficámos (...). Cruza-

ram-se os abraços de parabéns, enquanto coroas acabadas de fazer brilhavam à luz do sol. Depois (...) fomos continuar as férias em boa hora interrompidas» (14).

1 Depois de tanta semente
Nascia e nasce o rebento;
E todo o trabalho aspira
À floração dum momento.

Esta casa existe assim
Para dar padres ao mundo;
E quando algum chega a sê-lo
É um encanto profundo!

No mesmo e único anseio
Convosco, continuaremos:
Deus o quer, e nós com ele,
Decerto, padres teremos!

3 Os anos sessenta: Anos do Concílio, de esperança, dor e procura. De esperança: porque o Espírito assiste sempre. De dor: porque a novidade doi ao nascer. De procura: porque nada é definitivo, para além do Único, que não tem princípio nem fim. Tanto projecto e também tanto caminho sem saída... A grandeza dos seus homens esteve no entusiasmo com que se deram e não no ganho que muitas vezes não lucraram. Só Deus sabe, só Deus pode avaliar.

4 1971: Lisboa tem um novo Patriarca.

5 No coração da Igreja, cresce um Seminário renovado. Que guarda o melhor da sua tradição. Que faz da sua história a alma do seu compromisso. Estamos aqui hoje como estivemos sempre: Com o Bispo, para a Igreja, para a obra do Evangelho! Muitos? Poucos? Seremos os bastantes, com o vosso apoio, com a graça do Senhor da messe.

2 1956: Comemoravam-se as bodas de prata do nosso Seminário. Falava o Cardeal Cerejeira:

3 «Este Seminário falaria contra nós no Dia do Juízo, se nós, com ele, não fossemos melhores sacerdotes. Ele não existe senão para isto: para dar à Igreja um clero santo, digno da sua missão e da sua honra. Não fora assim, e melhor seria queimá-lo. Levantaram-se muitas orações e sacrifícios, muitas lágrimas e sangue (...). Está aqui o coração cristão da Diocese inteira (...). Quero ter uma certeza: a de que tem valido a pena sofrer, para que haja no Patriarcado sacerdotes que sejam, em verdade, uma presença nova, ardendo heroicamente no fogo do Espírito Santo e mais nada desejando senão incendiar o mundo».

4 24 de Outubro de 1981: As Bodas de Ouro e o mesmo motivo. Outro tanto de história, outro tanto de esperança. A renovação do mesmo compromisso.

1 E assim, amigos, nós todos,
Evocando o que passámos,
Agradecemos a Deus
A maravilha que herdámos.

Tanta luta, tal empenho,
Tanto amor à Boa Nova,
À Igreja e ao Senhor,
Ao Rei que tudo renova!

Outros virão e um dia
Em Deus veremos, ufanos,
Unidos no mesmo sonho,
Cinco a lembrar cem anos!

Pe. M. Clemente

Notas

(1) *Novellae Olivarum* 21 ms. (1941)50.
(2) *Idem* 13 (1944) 70.
(3) *Idem* 4 (1942) 92.
(4) *Idem* 15 (1944) 119.
(5) *Ibidem.*
(6) *Ibidem.*
(7) *Idem* 14-15 (1944) 93.118.
(8) *Estatuto provisório,* art. 1, par. 3.
(9) *N.O.* 24 (1945) 95-96.
(10) *Idem* 19 (1944) 220.
(11) *Idem* 3 ms. (1937).
(12) Art. 96.
(13) *N.O.* 16 (1944) 170.
(14) *Idem* 145 (1957) 278.

Crónica

Mais um ano

Depois de umas férias longas, a comunidade do Seminário voltou a juntar-se e a encontrar-se de novo para, com ajuda de Deus iniciar uma nova caminhada. Este ano, a nossa comunidade recebeu mais três novos colegas chegados do Seminário de Almada. São eles que formarão o 1.º ano de teologia. Sejam benvindos até nós! No 2.º ano de teologia continuam os mesmos 11. No 3.º estão 6. Quanto ao curso complementar, no 1.º ano estão 4 e no 2.º lá continua o «dúo»: Mário Rui e Manuel Marques. Somos uma comunidade de 26 alunos, acompanhados por uma Equipa Responsável cujo o Reitor é D. José Policarpo; Vice--Reitor, Pe. Carlos Pais; Directores Espirituais, Pe. Manuel Loourenço e Pe. Orlando Leitão; educação litúrgica e musical, Pe. José Ferreira; Perfeito de Estudos, Pe. Manuel Clemente. Do ponto de vista estatístico, quanto a números, e a representatividade por Diocese temos os seguintes dados: Lisboa, 15 alunos; Setúbal, 3; Bragança, 5; Portalegre, 1; Cochim, 2. Também temos algumas pessoas que colaboram discretamente na nossa vida de casa, são elas: Pe. José Gonçalves Mendes, Administrador da quinta; Sr.ª D. Eduarda Varela, Directora do Pessoal Auxiliar; Sr.ª D. Rosária Duque, Responsável da Secretaria.

Reavivar Motivações

Reavivar as motivações que nos trouxeram ao Seminário... foi um dos temas que presidiu à nossa primeira recolecção espiritual orientada pelo Pe. Orlando Leitão. Bom tema, para quem está a começar uma jornada de formação sacerdotal.

Equipa de Estudos

Está de parabéns! É que reflectir sobre a antropologia do trabalho é um tema a merecer atenção e reflexão. Tanto mais que ainda temos na memória, a recente Encíclica de João Paulo II: «Laborem Exercens».

Ora, a equipa de estudos não se tem poupado, quer na preparação dos temas, quer no contacto de pessoas que nos falem do assunto. Várias personalidades versadas sobre o assunto desde, o Dr. Carlos Silva ao Dr. Faustino Caldas até à interessante presença pastoral do Pe. Batalha, nos mostraram, sob diversos pontos de vista, a problemática do mundo do trabalho, e que nós futuros pastores, devemos conhecer. Por isso, os nossos parabéns. Continuem!

O S. Martinho e as castanhas

Dia de S. Martinho! Ele que não tem muito a ver com castanhas e água-pé (julgo eu)! Vem-se tornando, de há anos para cá, motivo de alegre convívio entre o Seminário dos Olivais e o Seminário de Almada. E como as boas tradições são de manter, lá fomos nós até aquela banda do Tejo, acedendo, como é óbvio, ao simpaticíssimo convite do Sr. Vice-Reitor Pe. Pires Campos. O jogo de futebol foi inicialmente favorável ao Seminário dos Olivais, que desta vez julgaria tirar a 'desforra', do ano passado, mas ó desgraça... mais uma vez perdemos a taça, porque aquela «malta» de Almada quando se «amanda» à bola... enfim... Bom, se perdemos o jogo, não perdemos alegria! E na Eucaristia pudemos celebrar os fraternos motivos da nossa presença ali. Convívio alegre entre castanhas e água-pé, prolongou a nossa amizade, e vinculou mais os estreitos laços que unem estas duas casas de formação sacerdotal. Enfim, eram 10 horas quando voltámos daquela banda de lá, para cá.

Ordenações e Ministérios

É verdade: a Igreja de Lisboa conta no seu Presbitério com a pertença de mais dois diáconos: é o Luís Germano e o Francisco Tito. Do mesmo modo, a Igreja de Setúbal: ali, é o António Pires. Facto digno de mencionar neste caso: o António Pires é o primeiro diácono a ser ordenado nesta Diocese, desde a sua criação. E esta!... O António Pires a ficar nos anais da história daquela Diocese!... Bom, e nós lá fomos. Fomos primeiro a Torres Vedras acompanhar o Luís Germano. Depois, fomos a Setúbal, e finalmente fomos ao Vilar... no último dia de aulas.

É escusado dizer que estes momentos, constituem sempre motivo de contentamento na nossa Comunidade. É a Igreja que se vai enriquecendo nestes, que de um modo particular, dão o seu Sim. São as comunidades, que se vão sentindo interpeladas, e vocacionalmente, os jovens inquietos. Deus os ajude! Quanto aos ministérios, cá por casa os candidatos foram-se preparando, até que no dia 9 de Dezembro, o Sr. Patriarca veio, em cerimónia simples, e por isso, solene, conferi-los: foi o Machado, o Adelino, o Pedro Dürrer, o José Traquina, o Manuel Alexandre e o José Allen.

Estes foram instituídos no ministério de Leitor. Mas, o José Manuel, o João Carlos, o Luís Filipe, o Denson e Xavier, foram instituídos no ministério de Acólito. Claro, nas suas Dioceses de origem, foram também instituídos, no ministério de Leitor o Manuel Felício, o António Júlio, de Bragança e o João Rosa de Portalegre. No ministério de Acólito, em Bragança, foi instituído o Alexandre Valentim. Graças a Deus. Deus queira que desempenhem todos bem o seu ministério.

É Natal, é festa

Como vem sendo habitual, antes de partirmos para férias, cá temos a nossa festa. Este ano a creatividade do Pe. Manuel Clemente arranjou mais um «auto» da sua autoria. E foi o «auto» da festa, que nos fez recordar este mistério do Natal tão singelo e simples, como o é Deus, e que tanto faz recordar palavras, como fraternidade, Amor, convívio, família, partilha... às vezes, palavras que começam a perder o seu verdadeiro significado, a poder de uso tão banal e incorrecta «interpretação» existencial. De qualquer modo, nós tentámos que elas entre nós significassem alguma coisa. E foi com esta despedida que fomos para férias, transmitir aos nossos, o que nela tentámos viver. E o cronista a pensar já nas férias, deixou ir embora a inspiração!... Talvez no próximo número a recupere, para dar mais notícias.

Seminário dos Olivais: Cinquenta anos:

«...Assim como rebentos de oliveira...» poderíamos dizer com o salmista que este dia e esta festa, congregou ao redor do altar os muitos e muitos padres e leigos que ao longo destes cinquenta anos, nesta casa, descobriram e aprofundaram o seu modo de ser e estar na Igreja. Uns e outros comprometidos em diversas tarefas e serviços «dentro» e «fora» da Igreja, desde o exercício do múnus pastoral (Bispos e Presbíteros) até ao testemunho apagado e humilde do trabalho do dia-a-dia (dos leigos), quiseram estar presentes neste dia para celebrar e agradecer a Deus a vida deste Seminário, que é de certo modo também, a vida da Igreja. Vieram

de diversas partes, de diversas Diocess. Bispos, padres e leigos. No rosto de todos uma alegria indizível, e nos abraços trocados percebia-se uma amizade que a separação do espaço e do tempo é incapaz de apagar.

Os primeiros momentos desta festa foram pois de acolhimento. Momentos, que a RTP não se furtou de registar para a história deste Seminário e da Igreja de Lisboa. À solene concelebração, presidiu o Reitor do Seminário, em representação do Sr. Patriarca de Lisboa que se encontrava ausente em Roma. Na concelebração tomaram parte todos os sacerdotes presentes destacada mente os Senhores Arcebispos de Mitilene D. Maurílio Gouveia, Arcebispo-Bispo de Viana do Castelo D. Júlio Tavares Rebimbas e Bispos de Coimbra, de Santarém, da Guarda, de Beja, resignatário de Tete e D. António dos Reis Rodrigues Bispo auxiliar de Lisboa. À saudação inicial. D. José Policarpo, na qualidade de Presidente da Celebração, dirigiu uma palavra de saudação e de boas-vindas a todos os presentes, tendo na altura evocado de modo particular a figura de sua Eminência o Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa D. Manuel Gonçalves Cerejeira, a grande alma desta casa, e consequentemen te quantos ao longo destes cinquenta anos deram e gastaram as suas vidas ao serviço da Igreja, na formação dos seus pastores, nomeadamente Monsenhor Pereira dos Reis. À Homilia o Sr. D. José Policarpo teceu importantes considerações sobre a função do Seminário na vida da Igreja. Recordando ainda, mais uma vez, as pessoas que trabalharam neste Seminário.

A celebração decorreu com muita dignidade e brilho. O canto gregoriano dirigido pelo Pe. José Ferreira, a musicalidade e expressividade clássica do latim, emprestaram a esta celebração uma tonalidade de beleza e rigor litúrgico, dificilmente ultrapassáveis por inovações nem sempre comedidas.

Eram já quase 14 horas quando a celebração terminou. A partir de agora, começava outra parte deste encontro fraterno: Era o convívio alegre, alegria repartida entre os «comes» e «bebes» da festa. Enfim, o recordar um passado carregado de significado; constatar um presente, talvez diferente, mas fiel no essencial. Das muitas pessoas presentes, foi-nos de um modo particular familiar, a presença do Seminário de Almada: padres e alunos... e isto faz-nos compreender aquela expressão que muitas vezes temos ouvido: «um único seminário em duas casas».

Foi-nos muito grata, também, a presença do Sr. Núncio Apostólico, neste dia, no meio e nós. Quis vir festejar connosco, trazendo consigo a presença afectuosa e pessoal do nosso Santo Padre João Paulo II que tanto amá os seminários.

A solene Sessão abriu com a leitura de um telegrama do Sr. Patriarca que, de Roma, dizia estar unido a nós neste dia. A Sagrada Congregação para a Educação Cristã enviou também uma carta de felicitações e de estímulo para com o Seminário, e que neste momento também foi lida pelo Pe. Carlos Pais, Vice-Reitor deste Seminário. Cinco actuais alunos evocaram depois os cinquenta anos desta obra da Igreja. Foram muitos os presentes que entoaram o hino das vocações no momento oportuno. A palestra do Sr. Cónego Pires foi um momento de emoção, que não esqueceremos concerteza. Enfim, o tempo ia escasseando, mesmo assim a «schola cantorum» do Sminário entoou alguns números que a assembleia aplaudiu com visível agrado. Depois, veio o momento da intervenção do Sr. Reitor, de certo que era esperada com agrado e expectativa. E assim foi: uma interpelação vigorosa aos presentes e até ausentes... uma sábia interpretação da função eclesial do seminário e dos pastores que este deve formar «abertos aos novos tempos e às mudanças da história».

A sessão viria acabar com as palavras simples e estimulantes do Sr. Núncio Apostólico.

Bom, e a tarde ia avançando, o dia declinava. Fechava-se deste modo uma das mais belas páginas da história deste seminário. E com o declinar do dia veio a despedida. E com a despedida, as saudades, os abraços e o desejo de voltar. Na alma de todos: «Um até breve».

João Rosa